

Tarefa 08 – Professor Roger

Justifique todas as respostas no caderno de Interpretação de Texto.

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 3 QUESTÕES:

Leia o texto abaixo para responder a(s) questão(ões) a seguir.

A GRAMA DO VIZINHO

Martha Medeiros

Ao amadurecer, descobrimos que a grama do vizinho não é mais verde coisíssima nenhuma.

Estamos todos no mesmo barco.

Há no ar certo queixume sem razões muito claras.

Converso com mulheres que estão entre os 40 e 50 anos, todas com profissão, marido, filhos, saúde, e ainda assim elas trazem dentro delas um não-sei-o-quê perturbador, algo que as incomoda, mesmo estando tudo bem.

De onde vem isso? Anos atrás, a cantora Marina Lima compôs com o seu irmão, o poeta Antonio Cícero, uma música que dizia: “Eu espero/ acontecimentos/ só que quando anoitece/ é festa no outro apartamento”.

Passei minha adolescência com esta sensação: a de que algo muito animado estava acontecendo em algum lugar para o qual eu não tinha convite. É uma das características da juventude: considerar-se deslocado e impedido de ser feliz como os outros são, ou aparentam ser. Só que chega uma hora em que é preciso deixar de ficar tão ligada na grama do vizinho.

As festas em outros apartamentos são fruto da nossa imaginação, que é infectada por falsos holofotes, falsos sorrisos e falsas notícias. Os notáveis alardeiam muito suas vitórias, mas falam pouco das suas angústias, revelam pouco suas aflições, não dão bandeira das suas fraquezas, então fica parecendo que todos estão comemorando grandes paixões e fortunas, quando na verdade a festa lá fora não está tão animada assim. Ao amadurecer, descobrimos que a grama do vizinho não é mais verde coisíssima nenhuma. Estamos todos no mesmo barco, com motivos pra dançar pela sala e também motivos pra se refugiar no escuro, alternadamente.

Só que os motivos pra se refugiar no escuro raramente são divulgados.

Pra consumo externo, todos são belos, sexys, lúcidos, íntegros, ricos, sedutores.

“Nunca conheci quem tivesse levado porrada/ todos os meus conhecidos têm sido campeões em tudo”.

Fernando Pessoa também já se sentiu abafado pela perfeição alheia, e olha que na época em que ele escreveu estes versos não havia esta overdose de revistas que há hoje, vendendo um mundo de faz-de-conta. Nesta era de exaltação de celebridades – reais e inventadas – fica difícil mesmo achar que a vida da gente tem graça. Mas, tem. Paz interior, amigos leais, nossas músicas, livros, fantasias, desilusões e recomeços, tudo isso vale ser incluído na nossa biografia. Ou será que é tão divertido passar dois dias na Ilha de Caras fotografando junto a todos os produtos dos patrocinadores? Compensa passar a vida comendo alface para ter o corpo que a profissão de modelo exige? Será tão gratificante ter um paparazzo na sua cola cada vez que você sai de casa? Estarão mesmo todos realizando um milhão de coisas interessantes enquanto só você está sentada no sofá pintando as unhas do pé? Favor não confundir uma vida sensacional com uma vida sensacionalista.

As melhores festas acontecem dentro do nosso próprio apartamento.

Fonte: Disponível em: <http://www.refletirpararefletir.com.br/4-cronicas-de-marthamedeiros>.

Acesso em 12/09/2017, às 15h13.

01. Segundo a estrutura composicional do texto **A grama do vizinho**, podemos afirmar que temos o seguinte gênero:

- a) Editorial.
- b) Artigo de opinião.
- c) Crônica.
- d) Parábola.
- e) Anedota.



- 02.** O texto traz questões intimistas tratadas pela autora. Em gêneros dessa natureza, é comum os autores disporem de passagens metafóricas, relacionadas às trivialidades da vida. No trecho: “As melhores festas acontecem dentro do nosso próprio apartamento.”, pode-se inferir que a autora utiliza uma linguagem
- denotativa para se referir à sua casa.
 - figurada para tratar sobre a sua terra natal.
 - denotativa para demonstrar que o apartamento dela não é próprio.
 - conotativa para se mostrar perdida em seu lar.
 - conotativa para se referir à sua introspecção, ao seu interior.
- 03.** A autora, ao mencionar a cantora brasileira Marina Lima e o poeta português Fernando Pessoa, se faz valer de uma estratégia de escrita. Nesse sentido, podemos verificar a presença de
- Polissemia.
 - Ambiguidade.
 - Paronímia.
 - Intertextualidade.
 - Paradoxo.

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 3 QUESTÕES:

UM DOADOR UNIVERSAL

Tomo um táxi e mando tocar para o hospital do Ipase. Vou visitar um amigo que foi operado. O motorista volta-se para mim:

- O senhor não está doente e agora não é hora de visita. Por acaso é médico? Ultimamente ando sentindo um negócio esquisito aqui no lombo...

- Não sou médico.

Ele deu uma risadinha.

- Ou não quer dar uma consulta de graça, hein, doutor? É isso mesmo, deixa para lá. Para dizer a verdade, não tem cara de médico. Vai doar sangue.

- Quem, eu?

- O senhor mesmo, quem havia de ser? Não tem mais ninguém aqui.

- Tenho cara de quem vai doar sangue?

- Para doar sangue não precisa ter cara, basta ter sangue. O senhor veja o meu caso, por exemplo. Sempre tive vontade de doar sangue. E doar mesmo de graça, ali no duro. Deus me livre de vender meu próprio sangue: não paguei nada por ele. Escuta aqui uma coisa, quer saber o que mais, vou doar meu sangue e é já.

Deteve o táxi à porta do hospital, saltou ao mesmo tempo que eu, foi entrando:

- E é já. Esse negócio tem de ser assim: a gente sente vontade de fazer uma coisa, pois então faz e acabou-se. Antes que seja tarde: acabo desperdiçando esse sangue meu por aí, em algum desastre. Ou então morro e ninguém aproveita. Já imaginou quanto sangue desperdiçado por aí nos que morrem?

- E nos que não morrem? - limitei-me a acrescentar.

- Isso mesmo. E nos que não morrem! Essa eu gostei. Está se vendo que o senhor é moço distinto. Olhe aqui uma coisa, não precisa pagar a corrida.

Deixei-me ficar, perplexo, na portaria (e ele tinha razão, não era hora de visitas) enquanto uma senhora reclamava seus serviços:

- Meu marido está saindo do hospital, não pode andar direito...

- Que é que tem seu marido, minha senhora?

- Quebrou a perna.

- Então como é que a senhora queria que ele andasse direito?

- Eu não queria. Isto é, queria... Por isso é que estou dizendo - confundiu- se a mulher. - O seu táxi não está livre?

- O táxi está livre, eu é que não estou. A senhora vai me desculpar, mas vou doar sangue. Ou hoje ou nunca.

E gritou para um enfermeiro que ia passando e que nem o ouviu:

- Você aí, ô, branquinho, onde é que se doa sangue?

Procurei intervir:

- Atenda a freguesa... O marido dela...

- Já sei: quebrou a perna e não pode andar direito.

- Teve alta hoje. - acudiu a mulher, pressentindo simpatia.



- Não custa nada – insisti. - Ele precisa de táxi. A esta hora...
- Eu queria doar sangue - vacilou ele. - A gente não pode nem fazer uma caridade, poxa!
- Deixa de fazer uma e faz outra, dá na mesma.

Pensou um pouco, acabou concordando:

- Está bem. Mas então faço o serviço completo: vai de graça. Vamos embora. Cadê o capenga?

Afastou-se com a mulher, e em pouco passava de novo por mim, ajudando-a a amparar o marido, que se arrastava, capengando.

- Vamos, velhinho: te aguenta aí. Cada uma!

Ainda acenou para mim, de longe, se despedindo.

SABINO, Fernando. *Um doador universal*. Disponível em: <<<http://www.otempo.com.br/opini%C3%A3o/fernando-sabino/fernando-sabino-um-doador-universal-1.538>>>. Acesso: 08 maio 2017.

04. Em relação à linguagem, podemos afirmar que o texto

- a) embora se apresente escrito, possui uma linguagem mais informal e próxima da oralidade, pouco preocupada com a rigidez da norma culta.
- b) foi escrito com total respeito à norma culta da língua portuguesa, não sendo possível encontrarmos trechos em desacordo com as variedades de prestígio.
- c) embora apresente expressões coloquiais como “capenga”, “de graça”, “no duro”, a abordagem do assunto “doação de sangue” dá ao texto um tom sóbrio e científico
- d) apresenta uma linguagem técnica, porém, de fácil compreensão, uma vez que associa elementos coloquiais a termos formais no decorrer do texto.
- e) expõe o preconceito linguístico praticado pelo motorista ao chamar o passageiro de “moço distinto”, discriminando a variedade linguística falada por ele.

05. Assinale a alternativa CORRETA quanto ao gênero e ao tipo textuais.

- a) Por se tratar de um conto, o texto é argumentativo e expõe a insistência de uma personagem em convencer outra, com argumentos, a fazer o que ela quer.
- b) Por se tratar de uma crônica, o texto é predominantemente dialogal e narrativo, com segmentos estruturados em turnos de fala e relato de situações.
- c) Por se tratar de uma crônica, o texto é injuntivo e incentiva o leitor a praticar a doação de sangue, instruindo sobre como realizar esta ação solidária.
- d) Por se tratar de uma fábula, o texto é predominantemente dialogal e narrativo, com personagens que dialogam entre si e vivenciam situações imaginárias.
- e) Por se tratar de um conto, o texto é predominantemente dialogal e descritivo, com segmentos estruturados em turnos de fala e exposição das propriedades e qualidades de pessoas e ambientes.

06. Na leitura de textos, deparamo-nos, muitas vezes, com palavras das quais desconhecemos o significado, no entanto, a partir do contexto, conseguimos interpretá-las. Seguindo esse entendimento, a partir da significação contextual da palavra, assinale a alternativa que contém o vocábulo que substituiria adequadamente o termo destacado no trecho a seguir, extraído do texto, de acordo com a relação de significado estabelecida.

“Está se vendo que o senhor é moço distinto.”

- a) Rápido; antonímia.
- b) Comum; sinonímia.
- c) Inteligente; sinonímia.
- d) Forte; antonímia.
- e) Exigente; sinonímia.



TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 2 QUESTÕES:

Aprenda a chamar a polícia...

Eu tenho o sono muito leve, e numa noite dessas notei que havia alguém andando ¹sorrrateiramente no quintal de casa.

Levantei em silêncio e fiquei acompanhando os leves ruídos que vinham lá de fora, até ver uma silhueta passando pela janela do banheiro. Como minha casa era muito segura, com grades nas janelas e trancas internas nas portas, não fiquei muito preocupado, mas era claro que eu não ia deixar um ladrão ali, ²espiando tranquilamente. Liguei baixinho para a polícia, informei a situação e o meu endereço. ³Perguntaram-me se o ladrão estava armado ou se já estava no interior da casa. ⁴Esclareci que não e disseram-me que não havia nenhuma viatura por perto para ajudar, mas que iriam mandar alguém assim que fosse possível. Um minuto depois, liguei de novo e disse com a voz calma: — Oi, eu liguei há pouco porque tinha alguém no meu quintal. Não precisa mais ter pressa. Eu já matei o ladrão com um tiro da escopeta calibre 12, que tenho guardada em casa para estas situações. ⁵O tiro fez um estrago danado no cara!

Passados menos de três minutos, estavam na minha rua cinco carros da polícia, um helicóptero, uma unidade do resgate, uma equipe de TV e a turma dos direitos humanos, que não perderiam isso por nada neste mundo. Eles prenderam o ladrão em ⁶flagrante, que ficava olhando tudo com cara de assombrado. Talvez ele estivesse pensando que aquela era a casa do Comandante da Polícia. ⁷No meio do tumulto, um tenente se aproximou de mim e disse: — Pensei que tivesse dito que tinha matado o ladrão. Eu respondi: — Pensei que tivesse dito que não havia ninguém ⁸disponível.

Luis Fernando Veríssimo

Fonte: <http://pensador.uol.com.br>. Acessado em 21 Set. 2013.

- 07.** Com relação ao gênero textual, podemos afirmar que o texto
- é um conto, porque tem como intenção comunicativa informar um fato verídico que aconteceu na cidade do Rio de Janeiro.
 - é uma crônica, porque relata um fato do cotidiano.
 - é um romance, porque as ações têm locais bem definidos, como uma casa.
 - é uma reportagem jornalística, porque o público alvo são leitores de jornais.
 - é uma piada, porque tem como objetivo provocar riso no leitor através de metáforas.
- 08.** Com base no texto, pode-se afirmar como correto que o texto
- aborda uma questão que acontece comumente nos grandes centros rurais, que é a invasão da propriedade pública.
 - relata, com muita precisão, a eficiência da polícia em resolver problemas relacionados à violência urbana.
 - apresenta, de forma irônica, um fato contraditório que é a falta de polícia para prender bandidos e o excesso de policiais para prender um cidadão por ele supostamente ter matado um ladrão.
 - narra um fato comum nos dias de hoje, que é as pessoas fazerem justiça com as próprias mãos, como fez a personagem principal.
 - discute, com muita certeza, a relação entre autoridade policial, cidadãos, bandidos e direitos humanos.